


**MAURÍCIO  
WALDMAN**

## A geografia do racismo estrutural brasileiro

Poucos intelectuais brasileiros desfrutaram do impacto teórico, reconhecimento político e aderência pública e social como o geógrafo afro-brasileiro Milton Santos. Sua produção, nitidamente crítica, original e profunda, logo correu o mundo. Em 1994, coroando magnífica vida acadêmica, Milton Santos tinha em mãos o maior prêmio da geografia mundial, o Vautrin Lud, considerado o Nobel da disciplina. Deixando este mundo em 2011, a obra genial do geógrafo segue iluminando a ciência e a atuação de todos que lutam por uma sociedade melhor.

Todavia, seria meritório anotar para além do brilho intelectual e do ativismo social, Santos era um pensador antirracista. Julgava que o preconceito no Brasil perseverava impregnado de conotação estrutural, e neste sentido, a marca notória do racismo seria a ambivalência diante da mutilação da cidadania afro-descendente. Para Santos, a duplicidade nas relações inter-raciais encontraria feição mais acabada na postura cínica pela qual entre os brasileiros, feio não seria ter preconceito "de cor", mas sim assumi-lo. Claro que isto em nada nega o pressuposto de um lugar predeterminado - lá embaixo - reservado aos negros. É sabido, a segregação encontra apoios no reinado secular do racismo na história brasileira, com a ideologia do branqueamento ocupando posição de proa. Negando qualquer integração real do negro na sociedade nacional, a diluição fenotípica dos negros e a extirpação da matriz africana seriam práticas modelares, visando fagocitar - isto é: eliminar - a presença negra no espaço nacional.

Esta negação do negro é tipificada na atitude deliberada de distanciamento para com a África, na desqualificação das religiões afro-brasileiras, na padronização estética centrada em padrões europeus e na exclusão do negro dos altos postos administrativos e do meio universitário. A meta máxima deste processo seria instituir no Brasil uma nação branca, europeia e ocidental.

Note-se que tais volições não se restringem ao imaginário. Pelo contrário, demonstram enorme versatilidade na materialização de ações discriminatórias duras, contumazes e hostis. Nos anos 2000, os negros eram 64% dos pobres e 69% dos indigentes, ao passo que o Brasil branco era 2,5 vezes mais rico do que o Brasil negro. Nos últimos anos o país presenciou certa alteração neste quadro. Porém, estudos mostram que a desigualdade persiste. Em 2009, os brancos compunham 75,07% dos 10% mais ricos, ao passo que 72,9% dos mais pobres eram negros. Em 2012, os negros tinham renda 36,11% menor em média do que os brancos. Apenas 37,4% dos universitários eram negros. Grupos como idosos e mulheres negras são ainda mais vulneráveis e desfavorecidos. As comunidades quilombolas formam mais de 3,5 mil assentamentos. Mas, no máximo 10% das suas terras foram tituladas. A despeito deste índice inquietante, em março de 2013, o mandato Dilma Rousseff somava irrisórios 632 hectares de terras tituladas. Saliente-se que mesmo os 59,6 mil hectares titulados nas duas gestões Lula (2003-2010) e os 415,2 mil nas duas de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), também estiveram longe de zerar o déficit de institucionalidade.

Neste cenário, a omissão em tornar efetiva a Lei 10.639 - que propõe mudanças curriculares em prol da herança negra - tonifica a reprodução de imagens mentais preconceituosas, energizando um racismo estrutural cuja tônica tem sido a capacidade de se recompor incessantemente, preservando o objetivo central de manter a população negra apartada da sociedade nacional.

Milton Santos entendia que a tendência de sistemas desequilibrados é tão somente o agravamento dos problemas e o alargamento do abismo social. O racismo estrutural é clara evidência desta entropia. A ser enfrentado por um projeto coletivo de país. De um país que urge ser democrático, inclusivo e antirracista.

Maurício Waldman é jornalista, coordenador editorial e pesquisador acadêmico. É doutor em Geografia pela USP (Universidade de São Paulo, 2006) e pós-doutor em Geociências pela Unicamp (Universidade de Campinas, 2011). Atuou como professor colaborador do Centro de Estudos Africanos da USP (2003-2014) e consultor da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2012-2014). Autor de "Memória D'África - A temática africana em sala de aula" (Cortez, 2006), obra de referência na africanidade.

**EDITORA KOTEV**


**Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados pela Editora Kotev. Acesso:**

**Plataforma Internacional Kobo:**

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1>

